

What's the place of women in the history of philosophy and in the philosophy of basic education?

Resumo:

No presente artigo pretendemos verificar qual o lugar da mulher na História da Filosofia, como suas concepções são retratadas no ensino básico, como pensadores clássicos veem a figura feminina ao longo da história e como algumas pensadoras permanecem a margem da história da Filosofia apesar de se destacarem em suas concepções filosóficas. Para isso faremos uma breve análise sobre o que filósofos como: Platão, Aristóteles, Kant, Schopenhauer, entre tantos outros, pensam sobre a mulher. Destacaremos, ainda, algumas pensadoras que conseguiram se consagrar na História da Filosofia, a saber: Aspásia, Diótima e Christine de Pizan. Ao dissertar sobre essas pensadoras iremos recorrer a autores e autoras que tratam sobre tal assunto e também colocar em questão suas ausências ou invisibilidade na Filosofia, apontando para que as suas teorias sejam mais notórias no ensino de Filosofia.

Palavras-chave: Mulher. Filosofia. Ensino.

Abstract:

In this article we intend to verify the place of women in the History of Philosophy, how their conceptions are portrayed in basic education, how classical thinkers see the female figure throughout history and how some thinkers remain on the margins of the history of Philosophy despite standing out in their philosophical conceptions. For this, we will make a brief analysis of what philosophers such as: Platão, Aristóteles, Kant, Schopenhauer, among many others, think about women. We will also highlight some thinkers who managed to consecrate themselves in the History of Philosophy, namely: Aspasia, Diótima and Christine de Pizan. When discussing these thinkers, we will resort to authors who deal with this subject and also question their absences or invisibility in Philosophy, pointing out that their theories are more notorious in the teaching of Philosophy.

Keys-words: Woman; Philosophy; Teaching.

1. Mestranda em Educação – PROF-FILO. Bacharel e licenciada em Filosofia - UFCA.. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9951-4081>

1. INTRODUÇÃO³

Analisando a história da filosofia à procura de textos que os pensadores dedicaram às mulheres, verificamos que são raros e que, quando existem, revelam geralmente uma visão negativa. Exemplificamos com alguns clássicos: Platão em *Timeu* (41d-42d) ameaça os homens que se portaram mal nesta vida com o castigo de reencarnarem num corpo de mulher; Aristóteles sustenta que a fêmea é um macho mutilado (*Geração dos Animais*, 737a 24-25); Espinosa recusa a participação das mulheres num governo democrático e constata a sua "imbecilidade" (*Tratado Político*, XI, §4); Kant considera difícil a passagem das mulheres à maioridade intelectual (*Resposta à pergunta: que é o Iluminismo?*); Nietzsche afirma que até na cozinha a mulher é estúpida (*Para Além do Bem e do Mal*, § 23).

Segundo Maria Luísa Ribeiro, os filósofos muitas vezes foram filhos da sua época, aceitando sem discussão preconceitos generalizados no homem comum². Por comodidade ou conveniência, raramente se contrapuseram à questão da inferioridade feminina. Sendo o arroubo da intelectualidade das mulheres firmado pelas próprias mulheres e desprezado pela maior parte dos grandes intelectuais.

Quando aprendemos a olhar o mundo com um olhar que coloca o sujeito universal eurocêntrico, branco e masculino em suspensão, sentimos um grande incômodo ao perceber que a história do pensamento filosófico é permeada por homens. Que a filosofia teve um protagonismo quase que exclusivamente masculino. Filósofas existem na história da filosofia com mais ou menos protagonismo consoante o meio e a época em que viveram. No entanto, foram silenciadas ou não tiveram oportunidade de ascender nos meios intelectuais. Precisamos analisar a responsabilidade dos filósofos no silenciamento das mulheres na prática reflexiva.

O pensamento especulativo filosófico não é exclusivo dos homens. Não é só o gênero masculino que é dotado da capacidade intelectual de pensar filosoficamente e, assim, de produzir textos filosóficos. Muitas vezes, ao longo da História, as mulheres foram deixadas em segundo plano. Suas reflexões não conheceram, na maior parte das vezes, a luz pública. Tal condição as

obrigou a atrasarem a sua exposição intelectual. Não chegando ao domínio público seus pensamentos.

Se o animal racional dotado de inteligência é aquele que pode inferir sentenças lógicas sobre o mundo, e a mulher é dotada dessas mesmas faculdades, o que haveria nela que a impediria de filosofar? Toda a humanidade teria a ganhar se ultrapassasse a questão da superioridade intelectual entre homens e mulheres. O pensamento feminino que sai do anonimato ou das margens significa representatividade para aquelas que, por muitos anos, não tiveram espaço de fala e visibilidade na história.

São diversas as referências literárias e filosóficas que revelam uma visão negativa das mulheres. A exemplo disso, ressaltaremos os mitos da primeira mulher grega, Pandora, e da primeira mulher da tradição cristã, Eva. Está escrito em ambas as histórias que as duas foram incapazes de conter a sua curiosidade e, por isso, geraram todos os males do mundo. As mulheres, em várias mitologias, são vistas como o negativo da história, as que trazem todos os males e desgraças ao mundo, ao homem.

Ao longo dos tempos, foram vistas como dotadas de uma natureza colérica e perigosa, seres frágeis, pouco confiáveis, interesseiras, meros elementos decorativos, incapazes de se deixarem compreender ou de elas próprias compreenderem qualquer coisa. Teriam sido feitas para serem submissas ao homem, para lhe servir. É de grande importância a luta feminina por um espaço na intelectualidade, que visa inserir a mulher na política, na economia, na educação, em resumo, na vida pública.

A quem interessa que as mulheres fiquem à sombra dos homens? A quem interessa que se reconheçam como inferiores e que pensem que estão no mundo apenas para servir? Seria a mulher apenas um outro inferior? Não poderia acrescentar em nada na história? Não poderia ousar pensar e mudar sua vida e a dos que lhe rodeiam? Estaria satisfeita em ficar na invisibilidade e às margens da história?

Pretendemos demonstrar a importância da abordagem feminina no ensino de filosofia, a fim de refletirmos e discutirmos questões de gênero e representatividade. Para isso, faremos uma breve investigação sobre o que pensavam alguns clássicos da filosofia a respeito das

2. Vj. Maria Luísa Ribeiro FERREIRA (org.), *O que os filósofos pensam sobre as mulheres*, Lisboa, Centro de Filosofia, 1998.

mulheres. Retrataremos a condição de algumas pensadoras na História da filosofia, a saber: Aspásia de Mileto, Diótima de Mantinéia e Christine de Pizan. Para que possamos incluir mulheres e suas obras em análises filosóficas. Usando como principal método investigativo a obra *Filósofas: a presença das mulheres na filosofia*.

2. A VISÃO DOS INTELLECTUAIS SOBRE A MULHER NA HISTÓRIA DA FILOSOFIA

Para retratar a presença das mulheres na história da filosofia, percebe-se que a figura do feminino "é discutida por meio de um sujeito que não é o que a representa, mas sim outro sujeito: o sujeito masculino. Mesmo assim, este discurso, o da figura do feminino, é sempre evitado no campo filosófico"³.

Segundo Hesíodo (HESÍODO, 2015, v. 510 – 615), em sua Teogonia, Pandora trouxe o mal que acarretou todos os outros. Ela foi concebida por Hefesto e Atena, como presente de Zeus aos homens, é a primeira mulher e sobre os olhos e jugo de todos os deuses ela foi agraciada com uma qualidade dada por cada um deles, desde graça, beleza e persuasão a inteligência, paciência e meiguice. Mas, apesar de todas essas qualidades, aparece na história da mitologia como a que traz maldições à vida do homem. Assim:

Zeus tonitruo: as mulheres, parelhas de obras ásperas, e em vez de um bem deu oposto mal. Quem fugindo a núpcias e a obrigações com mulheres não quer casar-se, atinge a velhice funesta sem quem o segure: não de viveres carente vive, mas ao morrer dividem-lhe as posses parentes longes. A quem vem o destino de núpcias e cabe cuidosa esposa concorde consigo, para este desde cedo ao bem contrapesa o mal constante. E quem acolhe uma de raça perversa vive com uma aflição sem fim nas entranhas, no ânimo, no coração, e incurável é o mal. (HESÍODO, 2015, versos 600 – 615)

A mulher seria um presente dos deuses cheia de males, a que causaria muita dor e sofrimento aos homens, a que não os deixaria em paz. Podemos constatar que já desde a mitologia a mulher representa um polo negativo, necessário, mas negativo. Com isso, herdaria ao longo da história, uma capacidade cognitiva defasada, se comparada à do homem.

Quando o tema da mulher aparece em textos filosóficos, ele é cercado de muitos preconceitos, tentando demonstrar uma suposta inferioridade natural da mulher. No mais, é preciso lembrar que as abordagens sobre a mulher se encontram numa história da filosofia que foi escrita por homens.

Em Rousseau, o quinto capítulo do *Emílio* é marcado pela construção de um conhecimento que esvazia a possibilidade de a mulher pensar. Segundo ele, "elas devem aprender muitas coisas, mas apenas aquelas que lhes convêm saber"⁴. A mulher não necessitaria buscar a razão, visto que a busca pela razão daria muito trabalho.

No diálogo *O Banquete* de Platão, o amor sensível deve estar subordinado ao amor intelectual, ou seja, "na juventude, predomina a admiração pela beleza física; mas o verdadeiro discípulo de Eros amadurece com o tempo e descobre que a beleza da alma deve ser considerada mais preciosa do que a do corpo"⁵. A mulher seria um outro polo oposto ligado ao corpóreo, estaria subordinada ao intelectual que prevalece no homem.

Aristóteles afirmava que o corpo feminino está dotado de um cérebro menor. Pode-se dizer, portanto, que existe uma ligação entre a mulher e o seu corpo, sendo-lhe impedido de desenvolver sua capacidade racional, intelectual. O corpo é visto como algo historicamente negado.

No âmbito intelectual filosófico, desde a antiguidade, a mulher é deixada às margens. Não lhe é permitido participar da política, pois não possui racionalidade para isso, segundo os homens que podem fazer política.

Outro pensador que deixa clara a sua aversão ao sexo oposto é o filósofo contemporâneo alemão Schopenhauer. Ele considera as mulheres inferiores aos homens, incapazes em todos os aspectos, esbanjadoras, oportunistas, tolas e imaturas. Corrobora com tais ideias a fala do pensador:

...O simples aspecto da mulher revela que não é destinada nem aos grandes trabalhos intelectuais, nem aos grandes trabalhos materiais. Paga a sua dívida à vida não pela ação, mas pelo sofrimento, as dores da maternidade, os cuidados inquietadores da infância; deve obedecer ao homem, ser uma companheira

3. VALLE, Bárbara. O feminino e a representação da figura da mulher na filosofia de Kant. 2002, p. 69.

4. ROUSSEAU, Jean J. *Emílio, ou da educação*. 1979, p. 501.

5. ARANHA, Maria Lúcia de Arruda/MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: introdução à filosofia*. São Paulo: Moderna, 1986, p. 342.

paciente que lhe torne a existência calma. Não é feita nem para os grandes esforços, nem para dores ou prazeres excessivos; a vida para ela pode decorrer mais silenciosa, mais insignificante, mais serena que a do homem, sem que ela seja, por temperamento, melhor ou pior. (Schopenhauer, 2019, p.30)

Deve agradar e levar uma vida modesta e à sombra do homem, eis como deve se portar uma mulher na visão de Schopenhauer. A história escrita por homens é uma história de opressão, inferiorização e velamento das mulheres. Aos homens, o intelecto, a alma, o transcender a si e a história. Às mulheres, a prática, o cuidar, o servir.

A visão negativa do "ser feminino" se baseia no entendimento, segundo o qual, as "deficiências", "limitações" e a própria inferioridade da mulher decorrem de sua própria natureza, ou seja, a condição inferior da mulher é vista como algo natural e, portanto, imutável. Enquanto ser humano, a mulher é dotada de razão, mas o uso pleno e adequado ainda está reservado, majoritariamente, ao ser masculino.

Apesar da discriminação das mulheres no campo filosófico, é possível perceber que, ao longo da história da filosofia, várias se destacaram como seres humanos que buscaram o saber e o conhecimento. É importante abrirmos um debate para que possamos incluir o estudo de filósofas no ensino de filosofia para superar a desigualdade de gênero ainda presente em nossas práticas filosóficas.

3. A CONDIÇÃO DA MULHER NA HISTÓRIA DA FILOSOFIA

Apresentaremos algumas pensadoras que não são comumente pesquisadas ou trabalhadas nos estudos filosóficos. A saber: Aspásia de Mileto, Diótima de Mantinéia e Christine de Pizan. Pontuaremos suas originalidades e reflexões, em um percurso investigativo sobre as contribuições dessas pensadoras em contextos filosóficos, sociais e políticos. Com essa abordagem, esperamos mostrar a importância de incluirmos filósofas no ensino da filosofia, a fim de tentarmos superar a desigualdade de gênero ainda presente nas pesquisas e práticas filosóficas.

Faz-se necessário que mais mulheres sejam lidas, interpretadas e discutidas. Que analisemos e questionemos expressões de misoginia presentes em

textos de grandes pensadores. Devemos resgatar o legado deixado por tantas pensadoras que ainda são excluídas dos currículos do ensino filosófico. Embora, ainda que em proporções menores, para ilustres pensadores, há também grandes pensadoras contemporâneas a eles tratando das mesmas questões e partindo de conceitos semelhantes. A filosofia feita pelos homens não é nossa única opção de objeto de estudo. Temos a possibilidade de analisarmos questões relacionadas a mulheres filósofas.

Se não encontramos na história da filosofia um número de pensadoras tão grande quanto de pensadores, é pelo fato de que fora negado à mulher a possibilidade de atuar como ser pensante. Historicamente percebe-se que ela não teve oportunidades de estudar, pesquisar e ensinar na mesma proporção que os homens tiveram. Não fazendo, pois, sentido comparações enquanto as oportunidades não forem as mesmas para ambos os gêneros.

É preciso que se expanda o estudo sobre questões que envolvam o pensamento feminino. As teorias femininas necessitam ter um alcance maior no âmbito educacional. O que poderá permitir a reestruturação do conhecimento filosófico, através da inserção das suas teorias gradativamente nos currículos filosóficos. É imprescindível que se saiba que as mulheres existiram e existem na história da filosofia, também como protagonistas criadoras de grandes pensamentos e que seus pensamentos também resistem.

A tentativa de dar visibilidade a essas pensadoras que aqui pretendemos abordar é, em parte, uma forma de mostrar que, quando dialogamos com elas, nós também estamos ocupando a filosofia. Trazer as questões de gênero para nossa área de estudo é uma tentativa de construir um discurso que poderá contemplar também nossos problemas cotidianos. Falar de mulheres e para mulheres é uma tarefa essencial na luta contra opressões e exclusão sistemática. A história dessas pensadoras e suas teorias são uma afirmação de que mulheres fizeram e fazem filosofia, e de que o diálogo com elas é necessário.

3.1. Aspásia de Mileto, professora de retórica

Aspásia influenciou intelectuais como Sócrates e Péricles. Era considerada uma Hetera (mulheres treinadas em canto, dança ou música, que faziam companhia para os cidadãos nos banquetes). Ela teria

herdado sua educação de Mileto. Mesmo, geralmente, as mulheres não podendo participar da política, mulheres como Aspásia, estrangeira, educada com costumes diferentes aos de Atenas, consegue se destacar entre grandes nomes da Grécia Antiga.

No diálogo intitulado Menexeno, Platão afirma que Aspásia ensinou retórica a Sócrates. Esse tópico gerou muita controvérsia, porque, devido à ideologia ateniense de rígida separação entre masculino/público e feminino/doméstico, os estudiosos tendiam a considerar impossível que uma mulher pudesse ensinar homens na arte de falar bem em público.

Exaltada por Sócrates enquanto excelente oradora. Considera-se que Aspásia de Mileto, assim como outros jônios provenientes da Ásia Menor, tenha tido por profissão o comércio de seu saber. Conforme José Solana Dueso (1994), é possível que Aspásia tenha mantido uma escola para mulheres. Foi "um dos principais membros do círculo de Péricles, e, com outros, uma co-arquiteta do movimento sofista" (BLOEDOW apud WAITHE, 1987, p. 78).

Era perita em economia doméstica e no aconselhamento de casais, como informa Xenofonte. Todavia, vai sendo esquecida ao longo dos séculos, assim como também ocorreu com outras filósofas antigas. Fora colocado em dúvida sua capacidade como pensadora, devido ao fato de ser mulher. Ainda hoje, seu status como filósofa é questionado.

3.2. Diotima de Mantinéia, a Sophé

Diotima aparece em O Banquete através das palavras de Sócrates, essa personagem dos diálogos platônicos tem sua historicidade contestada. A única voz de mulher do Banquete é, no entanto, detentora de um saber sobre o Amor. Possivelmente nasceu por volta de 480 a.C., na cidade de Mantinéia, na Arcádia. Platão e Proclo nos forneceram as poucas informações de que dispomos sobre a sua vida.

Na obra O Banquete de Platão, somos informados de que houve diversos encontros entre Diotima e Sócrates⁶, que a considerava uma sophé, uma sábia⁷. Era sacerdotisa e sábia na arte de filosofar. Platão reproduz o relato de

Sócrates, segundo o qual seria Diotima de Mantinéia que teria ensinado a este uma doutrina sobre o amor.

De acordo com os costumes vigentes da Atenas clássica, seria impossível que uma mulher fosse professora de um homem. Dessa forma, surgiu uma corrente de pensamento que busca explicar a presença de Diotima no texto platônico. A origem dessa corrente de pensamento pode ser traçada até o filósofo italiano Marcilio Ficino, no séc. XV. Ele foi o primeiro a negar a existência de Diotima de Mantinéia.

Diotima consta, no período clássico, apenas no diálogo platônico. Porém, todas as pessoas envolvidas nos diálogos platônicos são consideradas reais e não têm sua participação no debate filosófico questionada, à exceção de Aspásia de Mileto e de Diotima de Mantinéia. Em relação à Aspásia, não se discute a sua existência, haja vista estar bem atestada em diversas fontes, porém estudiosos duvidam de sua capacidade de filosofar e de dominar a retórica. No tocante a Diotima, sua própria historicidade é fortemente questionada. Por que ambas são tão questionadas?

A principal objeção à existência de Diotima de Mantinéia e Aspasia de Mileto é o fato delas serem mulheres. Diotima, assim como tantas outras pensadoras do seu tempo, tem sua voz histórica silenciada. Necessitando ser resgatada e abordada também no campo filosófico, dada sua importância enquanto mulher, filósofa, professora.

3.3. Christine de Pizan, autora medieval

Na época em que as mulheres eram apenas uma minoria silenciada e silenciosa, consideradas apenas como anexo dos homens (pais, maridos, senhores), o fato de uma mulher, Christine de Pizan (1364-1430), ter acesso à educação, ser lida e reconhecida por homens e mulheres na Baixa Idade Média, constituiu feito notável e digno de admiração e reconhecimento, instigando o estudo, a pesquisa e o conseqüente resgate da condição feminina na historiografia tradicional.

A leitura das principais obras de Christine de Pizan (Cité des dames e Trois vertus) conduz à reconstituição do universo feminino na época medieval a partir de sua

Idem, 206b e 207a.
Idem, 201d3.

visão de mundo, dos seus desejos e da sua inconformidade com relação à desigualdade frente aos homens em todos os aspectos da vida.

As principais obras da autora qualificam-se como tratados de educação. Escreve principalmente para as mulheres, concebendo-as como possuidoras de conhecimento e intelecto, em resposta à produção literária de origem masculina, que trazia em seu cerne a concepção da mulher como devassa, perigosa e astuciosa, ou, em extremo oposto, como virginal, condescendente, submissa e desprovida de inteligência. Christine produziu obras bastante diversificadas como poemas, tratados de educação, morais e políticos, entre outros, mas todos com destaque na temática frequente do universo feminino e na exposição pioneira da noção de que as diferenças entre homens e mulheres não se encontravam em questões biológicas, mas em construções de origem religiosa, cultural e social.

Teria adaptado os textos produzidos por autores homens a uma linguagem mais acessível à realidade feminina. Tal adaptação acabou por se fazer uma das marcas da autora. Essa característica torna Pizan uma mulher que facilita o entendimento do mundo intelectual a outras mulheres, visto que o conhecimento era algo hierarquizado, inacessível ao círculo feminino. Esse modo de se comunicar com as mulheres deu visibilidade ao cotidiano feminino no final da Idade Média que, mesmo em curto período, foi mais receptivo e propício ao reconhecimento do papel social da mulher.

Em *A cidade das damas*, Pizan conta pequenas histórias de vida de mulheres reais e mitológicas. Utilizando exemplos, fala de mulheres que ocuparam lugares de destaque na sociedade, provando, aos que a liam, que as mulheres possuíam capacidade intelectual; e que essa capacidade era comum aos seres humanos, homens ou mulheres. Segundo Leal (1999), a autora desejava que as mulheres se percebessem capazes e inteligentes e que não aceitassem as concepções negativas que os homens escreviam e disseminavam sobre elas.

Enquanto observadora e estudiosa do seu tempo e espaço, Christine relatou vários problemas das mulheres, explicitando seu cotidiano árduo sob uma estrutura social, política e econômica desfavoráveis. Passou a exercer papel de destaque em sua época por seu pioneirismo ao reivindicar e defender a igualdade entre os sexos, principalmente no que tangia ao acesso à educação, partindo da ideia de que as diferenças entre

homens e mulheres não eram biológicas, mas uma construção social sedimentada pelos homens.

Os textos da autora surgiram como resultado desse desejo social. Ela escreveu sobre a não acessibilidade das mulheres à educação, a igualdade entre os sexos, defendendo que as diferenças identificáveis eram construções sociais. A autora foi, por assim dizer, a primeira voz feminina na história medieval a questionar a situação da mulher e a se levantar em sua defesa, utilizando o direito à educação como bandeira.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que análises filosóficas e históricas devem necessariamente incluir mulheres e suas obras, assim como jamais devem eliminar as questões relativas às suas experiências. Diante do ideal iluminista que assegura a razão como propriedade de conhecimento comum a todos os seres humanos, é fundamental estabelecermos epistemologias que nos permitam criar narrativas sobre as vivências humanas. Ao longo de toda a história da filosofia a mulher é desvalorizada, desacreditada, desrespeitada. Conquistar seu lugar, perante tantos pensamentos misóginos, não é tarefa fácil.

No contexto aqui trabalhado, é importante ressaltar como a mulher é tratada e vista, na história da filosofia, por pensadores clássicos que defendiam o direito ao conhecimento, à liberdade, à igualdade. Os seres humanos deveriam ter acesso a esses direitos, mas a mulher não é vista como um ser humano completo, por isso é desacreditada, desrespeitada e deixada às margens.

A existência de Diotima de Manteneia é colocada em dúvida, assim como o fato dela e Aspásia de Mileto terem sido professoras de Sócrates, pois, para os costumes da época seria improvável que mulheres fossem professoras de homens. Christine de Pizan é uma escritora medieval de tratados de educação. Dedicou suas obras a criticar a visão preconceituosa dos homens com relação às mulheres, à defesa da capacidade intelectual delas, a serem educadas para exercê-la, aconselhando-as a saberem se comportar e cuidar de suas finanças.

As pensadoras aqui analisadas têm em comum serem mulheres. Não lhes sendo dada a devida importância quanto a suas reflexões. Sendo estas, entre tantas,

algumas das quais merecem ser destacadas, pesquisadas, abordadas no ensino de filosofia. Assim, podemos concluir que mulheres possuem diferentes experiências vividas, na proporção em que cada uma é permeada por condições próprias e que existem privilégios e desvantagens variando de época para época que precisam ser superados.

A razão está presente igualmente em homens e mulheres. Portanto, a educação e os modelos de comportamento deveriam ter como pressuposto essa igualdade. Porém, para a mulher tal igualdade fora e ainda é negada. A quem interessaria que o outro do homem fosse visto assim ao longo de toda a história da humanidade? Teria a mulher aceitado por muitos anos sua condição de inferior, de subjugada, sem contestar?

A mulher, geralmente, quando é pensada na filosofia, o é pelo homem. Portanto, ela deriva do que ele acha que é certo para ela, de acordo com o que ele pauta como certo. Tanto, que não é sem resistência que as mulheres vão se impor na história da filosofia. Sendo vistas como inferiores, incapazes de produzir raciocínios lógicos, incapazes de ensinar o que quer que seja para o homem, que culturalmente é visto como intelectualmente superior. Quando se trata do campo da epistemologia e da razão, o homem se transformou no sujeito de conhecimento.

A exclusão das mulheres se deu como um processo natural para os homens, pois eles sempre as consideraram biologicamente incapazes. Em vista de se construir novos conhecimentos, conhecimentos pautados em questões femininas, devemos colocar a mulher no centro de reflexões e discutirmos seus problemas levando em consideração suas particularidades. Reconhecer as mulheres como seres humanos, enxergá-las como sujeito do conhecimento, isto é, aquela que pensa, experimenta, percebe, produz saber, filosofa, constrói a história e transforma o mundo.

A mulher precisa se aprender livre da supremacia masculina, e entender que a filosofia é um modo de saber enriquecedor, que pode nos permitir trazer uma nova perspectiva sobre a condição e as experiências das mulheres. Assim, destacando as teorias de Aspásia de Mileto, Diótima de Manteneia e Christine de Pizan, podemos averiguar o legado de tantas mulheres que se destacaram no campo epistemológico, deixando novos caminhos e possibilidades para mulheres que fizeram e ainda farão filosofia.

6. REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda/MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando: introdução à filosofia**. São Paulo: Moderna, 1986.

DUESO, José Solana. **Aspasia de Mileto: Testimonios y Discursos**. Primera Parte. Barcelona: Editorial Anthropos, 1994.

DUESO, José Solana. **Aspasia de Mileto: la metáfora y el personaje. 2008**. Disponível em: https://www.academia.edu/11842982/Aspasia_de_Mileto_la_met%C3%A1fora_y_el_personaje . Acesso em: 30 mar. 2021.

FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro. **O que os filósofos pensam sobre as mulheres**, Lisboa, Centro de Filosofia, 1998.

HESÍODO. **Teogonia: a origem dos deuses**. São Paulo: Iluminuras, 1991. Edº 2, 2015.

LEITE, Lucimara. (2008). **Christine de Pizan: uma resistência na aprendizagem da moral de resignação**. 2008, 223p. Tese. (doutorado em Letras) –Universidade de São Paulo, São Paulo.

PACHECO, Juliana. **Filósofas: a presença das mulheres na filosofia**. PortoAlegre, RS: Editora Fi, 2016.

PLATÃO. Menêxeno. In: CAMARA, Bruna. **Menêxeno de Platão**: Tradução, Notas e Estudo Introdutório. Dissertação de Mestrado em Letras Clássicas, USP, 2014. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-17102014-182852/pt-br.php>>. Acesso em: 30 mar. 2021.

PLATÃO. **O Banquete**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: Ed. UFPA, 2011.

PLATÃO. **Timeu**. Introdução de José Trindade Santos, tradução de Maria José Figueiredo. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

RIBEIRO, Djamila. **Figurações do Outro**. CULT. São Paulo: Janeiro, ano 22, nº 10, p. 18 – 23, Janeiro. 2019.

ROUSSEAU, Jean J. **Emílio, ou da educação**. 3. ed. São Paulo: Difel, 1979. p. 501.

SCHOPENHAUER, Arthur. **As dores do mundo** [livro eletrônico] / Tradução de José Souza de Oliveira. São Paulo: N/A, 2019.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Metafísica do amor, metafísica da morte** / tradução Jair Barboza revisão técnica Maria Lúcia Mello Oliveira Cacciola. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VALLE, Bárbara. **O feminino e a representação da figura da mulher na filosofia de Kant**. 2002.

XENOFONTE. **Econômico**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.